

outubro/2022

Revista **Verlidelas**

edição nº 28

dramaturgia:
**Esquetes de
“O Condomínio
no Divã”**

poesia:
**Versos com
atmosfera
campestre**

entrevista:
J. C. Rodrigues



VERLIDELAS

outubro/2022

edição nº 28

Sumário

ENTREVISTA ... 03

J. C. Rodrigues

DRAMATURGIA ... 10

**Esquetes de
O Condomínio no Divã
Maria Elisa S. Ribeiro
& Carlos Neves**

POESIA ... 20

Alfredo de Oliveira

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:

•Sergio Carmach

Editora assistente:

•Luzia Barbosa

Revisão, diagramação e arte:

•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com

www.verlidelas.com

www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora

CNPJ 27.850.067/0001-71

Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL



Seguindo em nossa busca por novidades, publicamos textos dramaturgicos pela primeira vez na revista. São dois esquetes tirados do livro “O Condomínio no Divã”, de Maria Elisa S. Ribeiro, capa da edição nº 06, e Carlos Neves, o entrevistado da nº 20. Com humor e inteligência, os autores apresentam situações conflituosas vividas pelos moradores de um prédio como tantos outros. Textos para o leitor cair na risada e pensar ao mesmo tempo, quem sabe com uma sensação de familiaridade.

Além disso, temos uma poesia campestre, capaz de nos fazer viajar para a paz do interior, e uma entrevista bem bacana. O que pode acontecer quando uma pessoa da área de Exatas envereda pela literatura? Quais seriam os pontos em comum entre a atividade de engenheiro e de escritor? Descubra isso e mais nesse interessante bate-papo.

Aproveitem a revista!

Luzia Barbosa

Apoiam esta edição:



Conheça



Conheça



Conheça



Conheça



Conheça

Ele sempre adorou ler; e enxergou na escrita uma forma de dar voz aos sentimentos e de levar esperança e encantamento às pessoas. Também encara as histórias como uma maneira de alargar a visão do leitor, o que, de certa forma, pode levar à busca por um mundo melhor. Gosta de tomar contato com gêneros diversos e aprecia tanto tramas simples – como a de “A Geografia de Nós Dois”, de Jennifer E. Smith – como complexas. Costuma ser chamado de contraditório, pois escolheu cursar Engenharia Civil apesar de sua dedicação e gosto pela literatura. Mas ele encara suas opções na vida como realidades com pontos em comum. Em 2020 participou, como autor selecionado, da antologia “Histórias do Cotidiano”, lançada pela Verlidelas

entrevista

POR SERGIO CARMACH



J.C.

RODRIGUES

Como você se tornou escritor?

Eu acabei me tornando escritor devido à minha maior dificuldade na escola: lidar com as questões gramaticais. Na tentativa de superar isso, decidi que a melhor alternativa seria praticar. Foi assim que, em 2017, finalizei o meu primeiro livro, “A Criatura das Trevas”, com 212 páginas. O resultado não ficou muito bom, mas o trabalho serviu para despertar em mim um verdadeiro gosto pela escrita. Desde então, escrevi outros dois livros, três novelas e uma grande quantidade de contos, sendo até difícil me lembrar de todos.

Em sua opinião, a literatura tem também a função de criar um mundo melhor? Se sim, de que forma isso pode ser feito?

Todas as conquistas da humanidade começaram com um sonho, às vezes com um desejo de fazer algo aparentemente impossível: voar como os pássaros, ir à Lua... A literatura é um desses veículos com os quais o homem pode sonhar antes de conquistar. Através dos livros, alcançamos os céus antes de inventarem o avião, chegamos ao espaço antes da criação dos foguetes... A literatura tem a ca-

pacidade de nos mostrar infinitos futuros e possibilidades, servindo tanto de guia como de alerta para as pessoas que construirão o amanhã. Ou seja, a literatura não cria – pelo menos de forma direta – um mundo melhor, mas amplia a nossa visão, dando-nos mais embasamento para fazermos escolhas, o que pode ajudar – de forma indireta – na criação de um mundo melhor.

Quando decidiu cursar Engenharia Civil, você mostrou pendor para as Exatas. A sua jornada como escritor está interligada de alguma maneira àquela área ou é uma trajetória paralela?

Eu sempre fui um dos melhores alunos das disciplinas de Exatas, o que me estimulou a escolher esse curso. De qualquer forma, acredito que a engenharia e a escrita exigem, de algum modo, habilidades semelhantes, como concentração, capacidade de análise e criatividade. A concentração é necessária tanto na resolução de um cálculo matemático complexo quanto na criação de uma história por horas a fio. Do mesmo modo, assim como o engenheiro precisa conhecer os diferentes fatores de um projeto e levá-los em conta na busca de soluções inovadoras,



A literatura é um desses veículos com os quais o homem pode sonhar antes de conquistar.



o escritor precisa analisar com calma os elementos da trama de seu livro para desenvolver bem os personagens e criar um mundo fictício coerente e único.

Em “A Voz do Anjo”, existe algum ponto de contato entre Lireus e o autor?

Acho que todo escritor tem isso, aquele momento em que a obra e o criador se misturam. Acho que a maior semelhança entre mim e Lireus é a paixão pela música, que se tornou praticamente uma extensão do meu ser. É comum as pessoas me verem cantarolando no ônibus ou pelos corredores da universidade. Eu escuto música em quase todos os momentos; inclusive quando estou escrevendo, pois isso cria uma barreira entre a minha mente em processo de criação e o mundo ao redor.

Fale um pouco sobre o livro “A Cidade Secreta”.

Esse livro é uma reflexão a respeito da humanidade, da dor, do desespero. É uma pequena novela que busca levar o leitor a pensar sobre questões, às vezes obscuras, da existência humana – sofrimento,





**No Brasil existe um entendimento
errôneo que associa fama à qualidade.**

carências, dúvidas... Esses questionamentos surgem em torno de criaturas, que de alguma forma encarnam nossos dramas e dilemas, nossos demônios internos: o gato representa a necessidade de se dar e receber afeto; os monstros da encruzilhada traduzem os múltiplos caminhos da vida... O personagem principal é uma pessoa que tem de lidar com essas criaturas.

O que você acha do cenário cultural brasileiro da atualidade?

Decepcionante. No Brasil existe um entendimento errôneo que associa fama à qualidade. É comum cidades não valorizarem os pequenos artistas locais, assim como suas produções. Isso ficou mais evidente na pandemia, ocasião em que muitos artistas perderam o seu sustento ou o pouco que conseguiram conquistar. Também vejo no país sinais claros de um dos maiores efeitos da globalização: a homogeneização cultural. Ritos e festividades tipicamente brasileiros têm perdido espaço.

Trabalhar com cultura atualmente no Brasil é uma tarefa penosa, o que desestimula muitas pessoas da área. Conheci escritores que pararam de escrever pela dificuldade de achar leitores, bem como músicos e atores que abandonaram os palcos por não conseguirem pagar as contas no fim do mês.

Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?

Eu já li muitos livros de variados autores, mas um dos que mais me cativam é “A Geografia de Nós Dois”, de Jennifer E. Smith. Entre os brasileiros, gosto bastante de Rodrigo de Oliveira, autor da série “As Crônicas dos Mortos”, e Eduardo Spohr, que escreveu “A Batalha do Apocalipse”.

Tem projetos literários em andamento?

No momento estou finalizando o meu quarto livro, “A Espada de Ouro”. É uma obra infantojuvenil que se baseia na mitologia tupi-guarani e nas lendas do folclore brasileiro para criar um ambiente fantástico. ■



LIVE

Autoconhecimento

EM PROSA E VERSO



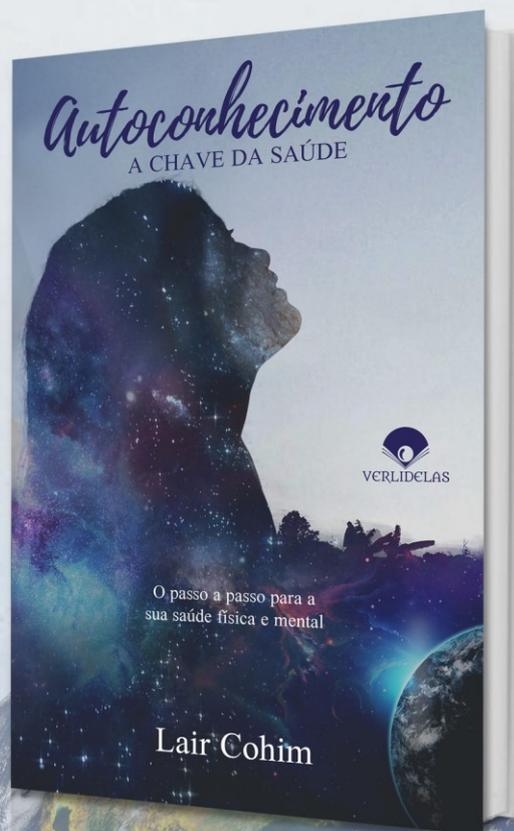
Apresentação:
@laircohim

TODA SEGUNDA-FEIRA
ÀS 20h30

Uma iniciativa da escritora e terapeuta Lair Cohim para compartilhar os assuntos do seu livro “Autoconhecimento - A Chave da Saúde”.

Você aprenderá sobre Malhação Cerebral e dará um mergulho na espiritualidade e na ciência.

www.laircohim.com.br



VERLIDELAS

VERLIDELAS



www.mundoescrito.com.br

O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipamo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.



REVISÃO DE LIVROS

O texto, além de estar correto tecnicamente, deve levar a mensagem exata que o autor deseja compartilhar. Na revisão de livros, antecipamo-nos aos problemas textuais que seus leitores poderiam encontrar. Temos uma excelente equipe, pois, há dez anos, revisamos livros todos os dias.



TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Transcrição de áudio feita 100% manualmente, sem utilização de softwares, pois somos profissionais. Para evitar retrabalhos e dor de cabeça, contrate a transcrição feita por uma equipe completa.

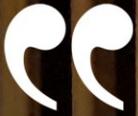
dramaturgia

Abram as cortinas para

O
condomínio
no *divã*

Maria Elisa S. Ribeiro
Carlos Neves


VERLIDELAS



No processo criativo de grande parte dos esquetes, nos valemos de técnicas de escrita criativa em reuniões periódicas à distância

O CONDOMÍNIO NO DIVÃ começou a tomar forma no final de 2018 em um projeto a seis mãos intitulado *O cupido não bateu lá em casa*, que, além de mim e do Carlos Neves, envolveu também Soraya Paiva, amiga querida, grande incentivadora das minhas incursões na literatura e fiel entusiasta das iniciativas dramáticas do Carlos.

Nesse projeto precursor, o mote era a produção de pequenos textos dramáticos retratando desencontros amorosos ambientados em um condomínio de apartamentos. Produzimos alguns esquetes à época, mas, por motivos variados, entre eles a mudança da Soraya para Vitória e a minha para Lisboa, o projeto foi descontinuado.

Em 2020, confinados em nossas casas pelo isolamento social, eu e Carlos resolvemos retomar o projeto, porém em moldes ligeiramente diferentes. Mantivemos a estrutura de pequenos esquetes, a ambientação em um condomínio residencial – embora ampliando os cenários, antes limitados ao interior dos apartamentos – e alargamos a temática, de início praticamente restrita aos conflitos amorosos entre cônjuges. Dessa for-

ma, pudemos aproveitar o trabalho produzido na primeira versão do projeto e ao mesmo tempo assegurar uma maior liberdade para o desenvolvimento de novos personagens e situações.

No processo criativo de grande parte dos esquetes, nos valemos de técnicas de escrita criativa em reuniões periódicas à distância, nas quais também aproveitávamos para aparar eventuais arestas nos textos, um interferindo no trabalho do outro, de modo a conferir unidade de estilo ao conteúdo produzido. Embora cada trecho seja assinado exclusivamente por um de nós, ambos deixamos nossas marcas em todo o livro. Importante ressaltar a forte influência estilística exercida pelo volume *Nova dramaturgia espanhola*, que norteou nosso processo de escrita do início ao fim.

No prólogo e no epílogo, a personagem zeladora – substantiva e adjetiva, psicóloga real ou imaginária, funcionária prestimosa e cuidadora – é quem apresenta, enfeixa, conduz e finaliza as peripécias dos demais nesse recorte de vidas confinadas e certamente neuróticas que nós, autores, decalcamos.

prefácio

POR MARIA ELISA S. RIBEIRO

Carlos Neves

Ator, é licenciado em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas, bacharel em Interpretação Teatral e pós-graduado em A Arte de Contar Histórias. Trabalha com interpretação e direção teatral, oficina de teatro, consultoria em análise do discurso cênico, dança, teatro musical, piano e *performance* artística. É professor de Arte da Secretaria de Educação do Distrito Federal.



1 – Prólogo

Local: Corredores, mezanino, gaiola de bicicletas e portaria

(Zeladora sai para patrulhar com a lanterna na mão)

ZELADORA: Não tive filho, não estou esperando, nunca vou ter. Adoro criança. Longe de mim! Pior que criança, só velho. Também adoro velho; bem, bem longe de mim. Não sou obrigada. Não fiz especialização em exorcismo, sou só psicóloga. Parei na graduação. Ops... Um momento! Vou dar uma incerta na escada de incêndio. Adoro pegar os adolescentes de surpresa e interfonar para os pais pra dizer como estavam vestidos e o que estavam segurando, ou abocanhando. Os pais se desesperam. Adoro! Quem manda colocar filhotes de Satanás no mundo.

(Abre bruscamente a porta corta-fogo do mezanino)

ZELADORA: Maldição, já foram embora. Olha só, o cheiro do vinho vagabundo ainda está empestecendo o ar. Que

O
condomínio
no *divã*

MARIA ELISA S. RIBEIRO E CARLOS NEVES

delícia seria interfonar para os pais e contar que estavam quase vestidos e quase bêbados. Adoro! Hum, vamos verificar a gaiola das bicicletas, aquele antro nunca me decepciona.

(Dirige-se à gaiola das bicicletas)

ZELADORA: Diacho, cheguei tarde. Não, não tem cheiro de pecado por aqui. Cheguei na hora provável do crime, mas hoje não houve ocorrência. Hoje não é meu dia! Vou voltar pro consultório com as mãos abanando e o coração vazio. E a coluna desconjuntada. Não sei até quando vou aguentar ficar me abaixando pra procurar poeira embaixo dos tapetes. Viva a tecnologia! Vou procurar os crimes nas câmeras. No meu consultório.

(Volta à portaria onde as câmeras de segurança mostram imagens das áreas comuns do prédio)

ZELADORA: Nossa, o interfone está aos gritos. *(pega o fone)* Alô, portaria, boa noite, a seu dispor. Desligou. Filho de uma gansa! *(pousa o fone, o interfone soa novamente)* E liga de novo? *(ao interfone)* Alô, pois não, sempre a seu dispor. Não, não vi a sua criança linda por aqui hoje, não. O quê? Cheiro de vinho? Não é da minha conta, não posso opinar, só se a senhora insistir. Hã-hã, ok, já que a senhora insiste eu opino: vasculhe a mochila, o fundo das gavetas



**Não, não tem cheiro de pecado por aqui.
Cheguei na hora provável do crime,
mas hoje não houve ocorrência.**

O CONDOMÍNIO NO DIVÃ

e o zap. Tenho certeza de que a senhora vai descobrir alguma coisa e depois saberá dosar uma resposta terapêutica pra seu lindinho. Ah, sim, e ele é tão fofinho, mas a vida precisa de regras e limites. A senhora não acha? Vou ter que desligar, chegou a *telepizza* da divorciada do nono andar. Confia em Jesus e toca o barco! Amanhã me dê retorno, ou vem aqui embaixo desabafar. Tchau, linda! *(para o entregador de pizza)* Não, não pode subir. Se bem que aquela preguiçosa me enche o saco quando mando ela vir buscar as encomendas aqui embaixo. Tudo bem, sobe, apartamento 902, mas se liga, estou te olhando na câmera. Sobe, entrega, recebe, espera a gorjeta e desce, vapt-vupt. Vai, vai! Estou de olho, se liga. *(para o monitor)* Que cenas mais paradas. Essas câmeras indiscretas estão piores que Netflix, hoje não é meu dia... Ai, ai, vou ler um pouquinho de Freud pra despertar e me manter acordada, porque a vida parada de uma psicóloga da noite é de lascar. *(lendo o livro)* “Do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a se obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos.”



Ai, ai, vou ler um pouquinho de Freud pra despertar e me manter acordada, porque a vida parada de uma psicóloga da noite é de lascar.

Maria Elisa S. Ribeiro

Nasceu no Rio de Janeiro e atualmente vive em Lisboa. Formou-se em Engenharia e Letras. É contista, poeta e dramaturga. Tem textos em revistas e coletâneas, além de participar do coletivo literário As Contistas. Em 2020 publicou o livro “A Segunda Natureza”, coletânea de contos, pela Verlidelas. No ano seguinte, lançou um livro de poesia, “Aragem”, pela Urutau.



6 – Aqui, ali & virtual

Local: Sala do apartamento

(Mãe em home office na mesa de jantar. Filho trans assiste TV)

MÃE: *(falando para o computador)* Gente, desculpe, vou desligar um segundo o microfone e a câmera, mas vocês podem continuar a discussão, estou ouvindo, ok? *(levantando-se e dirigindo-se ao filho)* Letícia, minha filha, você não está vendo que estou trabalhando?

FILHO TRANS: *(jogando o controle no sofá, que pula, quebrando-se no chão)* Mãe, já te falei que é Bruno. Quantas vezes vou ter que repetir?! Meu nome agora é Bruno! Quero ser chamado de Bruno! Bruno! Bruno!

MÃE: Ah, tá... Desculpe, filha. Quero dizer, filho. Mas faz o favor de abaixar essa TV! Mais uns quinze, vinte minutos, é o tempo da reunião acabar. Depois vou fazer o hambúrguer para comermos assistindo aquele seriado que começamos ontem. Não foi isso o que a gente combinou?

condomínio
no
divã

MARIA ELISA S. RIBEIRO E CARLOS NEVES

FILHO TRANS: Primeiro que não é seriado, mãe. É série!

MÃE: Ah, tá.

FILHO TRANS: Segundo, seu horário de trabalho é até as seis. Você sabe que horas são agora? *(olha o celular)* Já são seis e quarenta e cinco; na real, quarenta e seis!

MÃE: *(olha o relógio de pulso e fala para si mesma)* Cruzes, é mesmo! Nem me dei conta.

FILHO TRANS: Terceiro, estou morrendo de fome!

MÃE: Letic... Ops, desculpe. *(melíflua)* Bruno querido, vai adiantando lá na cozinha: descongela os hambúrgueres, descasca as batatas. Faz alguma coisa enquanto encerro aqui a reunião. Você faz isso pra sua mãezinha, Bruno?

FILHO TRANS: Fazer alguma coisa, eu, na cozinha? Mãe, cozinha é coisa de mulher. Pede para eu fazer uma coisa tipo abastecer o carro. Eu não sou menina! Quantas vezes vou ter que te explicar isso?

MÃE: *(põe as mãos na cabeça, já de volta ao notebook)* Tá bom, filha, quero dizer, filho. *(sobe o tom)* Agora abaixa essa TV, pelo amor de Deus. Tenho que voltar pra reunião.

FILHO TRANS: *(diminui o volume da TV)* Que saco!

MÃE: *(para o notebook)* Pessoal, desculpe, o áudio falhou. Será que vocês poderiam repetir o encaminhamento?

FILHO TRANS: *(em alto e bom som)* Dezoito e cinquenta. Na real, dezoito e cinquenta e um.

MÃE: *(para o notebook)* Pessoal, vou desligar mais um minutinho a câmera e o microfone. Peço milhões de desculpas.



Mãe, cozinha é coisa de mulher. Pede para eu fazer uma coisa tipo abastecer o carro. Eu não sou menina! Quantas vezes vou ter que te explicar isso?

O CONDOMÍNIO NO DIVÃ

Continuem a discussão, já volto. *(para o filho)* O que foi agora, Bruno?

FILHO TRANS: Você não vai encerrar essa reunião? Já são sete horas. Que tal a gente colocar um pouco de ordem nessa casa?

MÃE: *(seca e séria)* Vou concluir em alguns minutos.

FILHO TRANS: E eu vou dar um jeito de processar esse seu patrão.

MÃE: Hein? Como é que é?

FILHO TRANS: Você ouviu muito bem. Esse seu trabalho está interferindo no convívio familiar. Isso não está certo. Seu patrão tem que ser responsabilizado por isso.

MÃE: Quer saber de uma coisa, Bruno?! Isso não é coisa de homem, é coisa de pirralho machista. Sabe o que mais? Já sei, já sei. Você vai passar uns dias com o seu pai.

FILHO TRANS: O quê? Com o papai? Nunca! Never! Jamais!

MÃE: Sim senhor, acabei de decidir. Pra você aprender a ser homem. Você está precisando de um referencial masculino. É para o seu bem.

(cai um fio do bigode inexistente de Bruno)



**Isso não é coisa de homem,
é coisa de pirralho machista.
Sabe o que mais?**

Siga os *links* e conheça mais sobre o livro e os autores

Live de lançamento do livro

Elisa e Carlos interpretam um esquete

Leitura dramática do “Epílogo”

O livro nos *marketplaces*

Carlos na peça teatral “No Tempo de Noel Rosa”

ARTE: WILL SANTOS



<https://www.youtube.com/PodLetras>

LIVES TODAS AS TERÇAS E QUINTAS
ÀS 20H NO YOUTUBE E NA TWITCH

PodLetras

O PodLetras – canal formado pelos escritores César Costa, Marlos Quintanilha e Will Santos – é feito para pessoas que curtem arte, especialmente literatura. Cada programa apresenta um bate-papo descontraído com um convidado interessante, oferecendo uma experiência enriquecedora para o espectador.

poesia

TERRA, SONHO E PASSARINHOS

Conheça o autor
e seu livro

**Mesmo sem ter asas
sei que todo poeta voa.**

**Mesmo que a voz não encante
sei que todo poeta canta.**

**Vem daí o fascínio
dos poetas pelos passarinhos:
voar e cantar, cantar voando,
voar cantando, existiria
expressão maior de liberdade?**

**Poeta desde muito jovem,
observo os passarinhos,
seus nomes e seus cantos.
Meus irmãos ensinaram
a ver suas vidas, seus voos,
suas cores, pios e cantos
pelos campos de nossa cidade.**

**Hoje meu sonho: minha terra
transforma-se num santuário
local de todos os pássaros,
espaço de todos os cantos.**



Alfredo de Oliveira

Nas ondas do rádio

Todo sábado
um novo tema

ATMOSFERA LITERÁRIA com Fabio Shiva



“Atmosfera Literária com Fabio Shiva” é um quadro do
ATMOSFERA 102, programa apresentado aos sábados,
de 12h às 14h, por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM

Apoio: Verlidelas Editora

[Confira on-line](#)

